Marjô Mizumoto

AONDE EU QUERIA ESTAR

WHERE I WOULD LIKE TO BE

EXPOSIÇÃO 04.MAR - 18.ABR.2026

EXHIBITION MAR 04 – APR 18, 2026



anita schwartz

GALERIA DE ARTE

AONDE EU QUERIA ESTAR

Vanda Klabin

MARJÔ MIZUMOTO manipula a linguagem imagética, fortemente figurativa, com alguns dispositivos narrativos aliados a imagens constitutivas de cenas domésticas, nos direcionando para o universo dos ícones da linguagem da arte pop, que solidifica a sua presença através de fragmentos do cotidiano atuantes na sua órbita poética.

A pintura é o seu território preciso e ali encontramos os acordes de seu campo de ação. O plano da fotografia e alguns postulados da colagem são utilizados para aninhar a iconografia do fazer cotidiano no seu processo pictórico. Estabelece um micromundo e na soltura do seu imaginário, focado na construção da figura humana, coteja as experiências dos planos psicológicos e suas figuras emblemáticas adquirem uma função compositiva; a artista funda a sua persona em diferenciados cenários.

Na sua estética narrativa, Marjô altera a sua capacidade de estar presente nas cenas efêmeras, sua matriz pessoal, e passa a ser a responsável pela captura do fato cotidiano, como alguém que descreve mundos. Traz, muitas vezes, representações de sua própria vida ou elementos constitutivos de situações visuais complexas e de um tempo saturado de significações.

A estrutura narrativa ganha novos contornos ao se colocar como a observadora de suas experiências vivenciais. Ela desenvolve um vigor cênico para acentuar esse discurso e fundar uma obra resultante da sua ausência. A presença de um outro corpo familiar como protagonista cria um regime de ambiguidades, como um dispositivo pulsional constante para as suas experiências artísticas, sem renunciar a uma contundência plástica.

A maternidade é um tema recorrente na sua produção artística e envolve uma construção de códigos culturais. Marjô traz um ângulo diferente ao tocar na questão da identidade, na qual a projeção do corpo feminino não está presente na obra. Institui uma sensibilidade e uma formulação plástica que gravitam em uma linguagem visual própria.

É necessário olhar para as zonas cromáticas e para a dinâmica de sua ocupação. A imagem reina absoluta. Os objetos se instalam em primeiro plano, deixam de ser fugazes e se consolidam em um campo de relação de cores. Agora são materiais de observação, pulsam na superfície da tela, adquirem uma sensação tátil, quase palpável que parece despertar uma outra intimidade na cena.

Um desejo de intensificação da realidade se faz presente e novas membranas se interpõem no nosso olhar. A realidade aqui foi fisgada, capturada de um local sem horizontes. Amplia os significados de uma intimidade de um mundo repleto de inquietações, apreendendo nesse território privado que transborda de cor os fios entrelaçados de uma memória acumulada de vivências.

A artista prepondera uma estrutura lógica, extraída de imagens reconhecíveis na vida cotidiana, inflamadas pela matéria pulsante de uma iconografia em que um acontecimento banal ou efêmero adquire uma intensidade plástica inesperada, provocante e, por vezes, acaba por tornar estranhas as representações outrora familiares. No fluxo nervoso dos seus gestos e pinceladas, a artista vai adicionar novos significados para reconfigurar outra ordem no seu trabalho de arte. É um desafio que parece encenar a sua vida, ao discutir continuamente seus enigmas: pensar a arte a partir de uma interpretação, agregar novas entidades e significações. Marjô particulariza os relatos pessoais através da ativação de suas

constelações de suas vivências ao assimilar, no seu vocabulário visual, a questão dos retratos, onde captura as sensações subjetivas, que geralmente estão submersas no inconsciente. Na elaboração do personagem central, prevalece a questão identitária do outro, sempre um território duplicado.

Quase como um exercício de desejos breves — histórias vividas, vestígios de memórias reconstruídos em cenas domésticas ou de natureza cotidiana —, seu processo de trabalho, ao desarrumar o arrumado, atua como um poder transformador, dado que a artista se apropria de imagens ou objetos removidos de sua natureza cotidiana e amplia seus sentidos em uma narrativa parcial, agora vinculada a um momento transitório; o fluir do tempo não está mais presente, como uma memória suspensa, criando uma multiplicidade de possibilidades e vai redirecionar o observador para novos eixos de leitura e significados. São cenas evocativas e curtas, com tonalidades intensas que passam a ordenar o nosso olhar, que é convocado a adentrar em cenas triviais, como interiores íntimos, flagrantes existenciais ou anotações da vida urbana nesse mundo tenso, expansivo e desigual.

Sua gramática visual traz ressonâncias históricas de artistas como Lucien Freud, Marlene Dumas, Jenny Saville, Edward Hopper e Wanda Pimentel, entre outros. Nesse flerte com a linguagem do trivial, o banal torna-se objeto de investigação plástica, como uma linha decisiva para o entendimento da complexidade do mundo. As cenas deixam de ser fugazes, ganham novos contornos e se consolidam em um campo de relações de cores, pulsátil nas suas fragmentações estéticas. Um momento fraturado, um extravio do cotidiano, convertido em um acontecimento plástico e em tema central.

As obras são unidades intensas; uma condensação cromática guarda memórias vivas de sua história e frequentes vestígios familiares detêm um conteúdo ao sinalizar um universo anônimo e trazem à tona as assimetrias do mundo, com suas fissuras, tensões ou enigmas. E é nesse universo que se constrói e se reconstrói, como uma malha flutuante para o olhar, que percorremos esse itinerário estético, tendo a pintura como eixo condutor e como um dispositivo plástico para o entendimento da dinâmica do mundo contemporâneo.

Vanda Klabin é cientista social, historiadora e curadora de arte.
Nasceu, vive e trabalha no Rio de Janeiro.



MARJÔ MIZUMOTO

"A nuvem tem gosto de algodão doce", 2025
(Marie Yuki Mizumoto Gomes, Theo Mizumoto e Hómi-aranha)
Óleo sobre linho | Oil on linen
160 x 120 cm


BRASIL



MARJÔ MIZUMOTO

"Don't Bother Me", 2025
(Marjô Mizumoto, Leon Mizumoto Gomes e Marie Yuki Mizumoto Gomes)
Óleo sobre linho | Oil on linen
200 x 150 cm



MARJÔ MIZUMOTO

"Enjoy Life!", 2025
(Leon Mizumoto Gomes, Marie Yuki Mizumoto Gomes e Marjô Mizumoto)
Óleo sobre linho | Oil on linen
200 x 200 cm



MARJÔ MIZUMOTO

"Lazy's", 2026
(Marie Yuki Mizumoto Gomes)
Óleo sobre linho | Oil on linen
160 x 120 cm

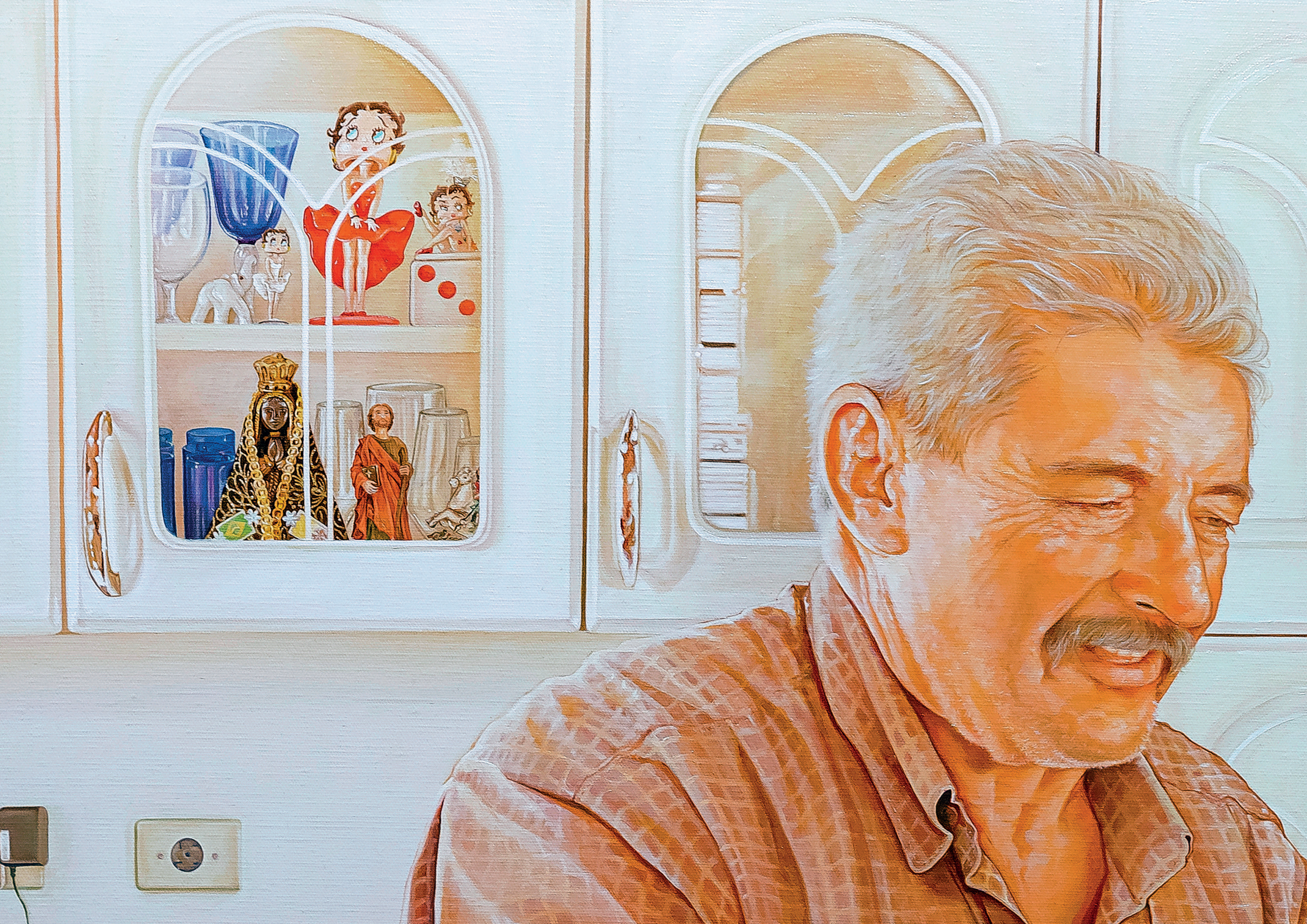

24h



MARJÔ MIZUMOTO

"O melhor almoço do mundo", 2024-2025
(Pedro Gomes, Leon Mizumoto Gomes, Marie Yuki Mizumoto Gomes e Tinha Pereira de Mello Gomes)
Óleo sobre linho | Oil on linen
150 x 200 cm


Nestlé
Novo
Nestlé
NINHO
Fortis
NEWBREAD
NOVA EMBALAGEM
PÃO DE FORMA
Tradicional
450 g
NEWBREAD
PÃO DE FORMA
Tradicional
MANTEIGA DE 1ª QUALIDADE
INDUSTRIA BRASILEIRA
Aviação
GONCALVES SALLES
MANTEIGA DE PRIMEIRA QUALIDADE
Aviação
PESO LIQUIDO 500 g




JESUS TE AM
INTO ACTION



MARJÔ MIZUMOTO

"Ó, O Globo!", 2026
Óleo sobre tela | Oil on canvas
100 x 60 cm

(...)

Olha, na cor do meu país
Mora a razão de ser feliz
Tá na hora, gente

Está na hora de dizer ao preconceito, não
E não à discriminação. Então
Por que você não vê que o direito é paz, amor e união

Se liga, que o Brasil não é branco nem preto
É mameluco, cafuso, povo guerreiro
Que debaixo dos panos traz orgulho suburbano
Um pouco de europeu, um pouco de africano

(...)

Quem é que faz esse país assim
Quem vai à luta pra ficar melhor
E que não é de chorar, é muito mais de sorrir
Então, se liga que o meu povo é isso aí

(...)

("O Brasil É Isso Aí" - Arlindo Cruz e Marcelo D2)

(...)

Look, in the color of my country
Lies the reason for being happy
It's time, people

It's time to say no to prejudice
And no to discrimination. So
Why don't you see that right is peace, love and unity

Pay attention, Brazil is neither white nor black
It's mixed-race, a warrior people
Who, beneath the surface, carry suburban pride
A little European, a little African

(...)

Who makes this country like this
Who fights to make it better
And who doesn't cry, but smiles much more
So, pay attention, my people are like that

(...)

("O Brasil É Isso Aí" - Arlindo Cruz e Marcelo D2)


Olha na cor do meu país,
Mora a razão de ser feliz.
Brasil miscigenou, Brasil se misturou.
PRECONCEITO NÃO!
E não à discriminação.
Um só globo. Paz, amor e união!



MARJÔ MIZUMOTO

"Segurando as pontas", 2025-2026
(Leon Mizumoto Gomes, Francisco Pereira de Mello Gomes e Marie Yuki Mizumoto Gomes)
Óleo sobre linho | Oil on linen
250 x 150 cm



MARJÔ MIZUMOTO

"Vigília", 2025-2026
(Marjô Mizumoto e Leon Mizumoto Gomes)
Óleo sobre linho | Oil on linen
250 x 150 cm



MARJÔ MIZUMOTO

"Camisa 10", 2026
Óleo sobre tela | Oil on canvas
100 x 60 cm


BRASIL



MARJÔ MIZUMOTO

"Criação", 2026
Óleo sobre tela | Oil on canvas
60 x 100 cm

WHERE I WOULD LIKE TO BE

Vanda Klabin

MARJÔ MIZUMOTO manipulates imagetic language, strongly figurative, incorporating certain narrative devices combined with images that constitute domestic scenes, leading us toward the universe of pop art iconography, which consolidates its presence through fragments of everyday life operating within her poetic orbit.

Painting is her precise territory and there we find the chords of her field of action. The plane of photography and some principles of collage are used to nest the iconography of everyday life in her pictorial process. She establishes a microcosm and in the openness of her imagination, focused on constructing the human figure, she compares experiences from psychological planes and her emblematic figures acquire a compositional function; the artist creates her persona in different scenarios.

In her narrative aesthetic, Marjô alters her ability to be present in ephemeral scenes, her personal matrix, and becomes responsible for capturing everyday events, like someone who describes worlds. She often brings representations of her own life or constituent elements of complex visual situations and of a time saturated with meanings.

The narrative structure takes on new contours when she positions herself as the observer of her lived experiences. She develops a scenic vigor to emphasize this discourse and to establish a work resulting from her absence. The presence of another familiar body as the protagonist creates a regime of ambiguities, serving as a constant driving device for her artistic experiences, without relinquishing a plastic forcefulness.

Motherhood is a recurring theme in her artistic production and involves the construction of cultural codes. Marjô brings a different perspective by addressing the question of identity, in which the projection of the female body is not present in the work. She establishes a sensibility and a plastic formulation that revolve around her own visual language.

It is necessary to look at the chromatic zones and the dynamics of their occupation. The image reigns supreme. The objects settle in the foreground, cease to be fleeting, and become established within a field of color relationships. They are now materials for observation, pulsating on the surface of the canvas, acquiring a tactile, almost palpable sensation that seems to awaken another kind of intimacy in the scene.

A desire to intensify reality is present, and new layers interpose themselves in our gaze. Reality here has been caught, captured from a place without horizons. It expands the meanings of an intimacy within a world full of restlessness, holding in this private territory, overflowing with color, the intertwined threads of a memory accumulated from lived experiences.

The artist emphasizes a logical structure, derived from recognizable images in everyday life, inflamed by the pulsating material of an iconography in which a banal or ephemeral event acquires an unexpected, provocative plastic intensity and sometimes ends up making formerly familiar representations seem strange. In the nervous flow of her gestures and brushstrokes, the artist adds new meanings to reconfigure another order in her artwork. It is a challenge that seems to stage her life, continuously exploring its enigmas: to think art from interpretation, and to incorporate new entities and meanings. Marjô particularizes personal narratives through the activation of her constellations of experiences,

Almost like an exercise in brief desires — lived stories, traces of memories reconstructed in domestic or everyday scenes — her work process, by disarranging the arranged, acts as a transformative power, since the artist appropriates images or objects removed from their everyday context and expands their meanings within a partial narrative, now linked to a transitory moment. The flow of time is no longer present, like a suspended memory, creating a multiplicity of possibilities and redirecting the viewer toward new axes of reading and interpretation. These are evocative and brief scenes, with intense tonalities that begin to organize the viewer's attention, which is invited to enter trivial scenes, such as intimate interiors, existential glimpses, or notes on urban life in this tense, expansive, and unequal world.

Her visual grammar carries historical resonances of artists such as Lucian Freud, Marlene Dumas, Jenny Saville, Edward Hopper, and Wanda Pimentel, among others. In this engagement with the language of the trivial, the banal becomes an object of plastic investigation, serving as a decisive line for understanding the complexity of the world. The scenes cease to be fleeting, gain new contours, and consolidate within a field of color relationships, pulsating in their aesthetic fragmentations. A fractured moment, a deviation from the everyday, is transformed into a plastic event and a central theme.

It is within this universe that she constructs and reconstructs, like a floating mesh for the eye, that we explore this aesthetic journey, with painting as the guiding anchor and as a plastic device for understanding the dynamics of the contemporary world. If you want, I can rewrite the entire translation you've been working on so far with these smoother, more natural choices throughout, making it ready for publication or an exhibition text. Do you want me to do that?

Vanda Klabin is a social scientist, historian, and art curator.
She was born, lives, and works in Rio de Janeiro.

Marjô Mizumoto (São Paulo, 1988) desenvolve pinturas a óleo que tomam o retrato como ponto de partida para a construção de cenas do cotidiano, nas quais personagens são apresentados em ambientes de atmosfera quase cenográfica. Suas obras partem de um universo nostálgico e operam como crônicas visuais que registram memórias de um tempo e de um lugar desejados pela artista.

Momentos afetivos e familiares são elaborados em sua produção, dando forma a narrativas que partem da experiência íntima e alcançam uma dimensão compartilhada. Sua prática se estrutura a partir de imagens realistas baseadas em registros fotográficos realizados pela própria artista e posteriormente transpostos para a pintura. Ao articular referências da tradição pictórica a elementos do universo pop, Mizumoto constrói cenas da vida cotidiana que deslocam seu contexto biográfico em direção a um campo mais amplo e universal da memória.

Marjô graduou-se em Artes Plásticas em 2010 e cursou a pós-graduação em História da Arte entre 2014 e 2015 pela Fundação Armando Alvares Penteado. Integrou projetos especiais, como a realização do painel de Candido Portinari na PUC-Rio, projeto apoiado por João Candido Portinari. Possui obras em acervos públicos e privados, como o Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro, 2023), o 14º Salão Nacional de Arte do Museu de Arte Contemporânea de Jataí (2015) e o 25º Salão de Artes Visuais de Vinhedo (2020). Recentemente, foi contemplada pelo 8º Prêmio Artes do Instituto Tomie Ohtake (2022) e no 32º Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo (2022).

Marjô Mizumoto (São Paulo, 1988) develops oil paintings that take portraiture as a point of departure for the construction of everyday scenes, in which figures are presented within environments of an almost scenographic atmosphere. Her works emerge from a nostalgic universe and operate as visual chronicles that register memories of a time and place imagined by the artist.

Affective and familial moments are elaborated throughout her practice, giving form to narratives that stem from intimate experience while reaching a shared dimension. Her work is structured around realistic images based on photographic records produced by the artist herself and later translated into painting. By articulating references drawn from pictorial tradition with elements from the pop universe, Mizumoto constructs scenes of everyday life that displace their biographical context toward a broader and more universal field of memory.

Marjô earned her degree in Fine Arts in 2010 and pursued postgraduate studies in Art History between 2014 and 2015 at Fundação Armando Alvares Penteado. She has participated in special projects such as the realization of a panel by Candido Portinari at PUC-Rio, a project supported by João Candido Portinari. Her works are included in public and private collections such as the Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro, 2023), the 14th National Art Salon at the Museu de Arte Contemporânea de Jataí (2015), and the 25th Salão de Artes Visuais de Vinhedo (2020). She was recently awarded the 8th Arts Prize from the Instituto Tomie Ohtake (2022) and selected for the 32nd Exhibition Program at the Centro Cultural São Paulo (2022).

Marjô Mizumoto

AONDE EU QUERIA ESTAR

WHERE I WOULD LIKE TO BE

TEXTO VANDA KLABIN

Segunda a sexta – 10h às 19h
Sábado – 12h às 18h
Entrada Franca

www.anitaschwartz.com.br
galeria@anitaschwartz.com.br
+55 (21) 2540.6446
+55 (21) 2274.3873
+55 (21) 99603.0435 (wpp)

anita schwartz
GALERIA DE ARTE

Rua José Roberto Macedo Soares, 30
Gávea, Rio de Janeiro / RJ – Brasil

EXPOSIÇÃO 04.MAR - 18.ABR.2026
EXHIBITION MAR 04 – APR 18, 2026